



Jornalismo e Cultura Regional: uma análise do cenário tocantinense¹

Ana Carolina Costa dos ANJOS²
Universidade Federal do Tocantins – TO

Resumo

O artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa monográfica sobre a relação entre jornalismo e cultura regional no estado do Tocantins a partir de elementos confluentes entre jornalismo e identidade cultural. Tem como objetivo compreender esta relação no produto midiático - Jornal do Tocantins. Metodologicamente foram aplicados os conceitos apreendidos na revisão de literatura nos textos do Caderno Arte & Vida e das cartas ao leitor da seção Tendências e Ideias, das editoriais de Cultura e Opinião, respectivamente, do Jornal do Tocantins, veiculadas nos exemplares publicados nas datas em que se comemoram os aniversários de Palmas (20 de Maio) e do Tocantins (5 de outubro) nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011. O artigo aponta o Jornal do Tocantins como uma instituição que participa da construção da identidade cultural tocantinense.

Palavras-chave: Jornalismo; Identidade cultural; Jornal do Tocantins.

Introdução

A crescente integração do mundo na sociedade contemporânea ancorada pelos aparatos tecnológicos da informação expõe sujeitos de culturas distintas a relações que antes só eram possíveis em uma interação face a face. Nos decênios de 1960 e 1970, se acreditava que este processo homogeneizaria a cultura. Todavia, o processo relacional da identidade cultural acontece em um âmbito dialético, no qual existem a interação, agregação e reforço. Pois, ao entrar em contato com o ‘outro’ o que é peculiar do ‘eu’ é ressaltado. Assim, o que de fato tem ocorrido são reafirmações de identidades culturais e não uma pasteurização, ou seja, a constituição de uma cultura dita universal.

O sujeito social carece de uma identificação mais próxima, que esteja presente em seu cotidiano, por isso, as macro-identidades como, por exemplo, europeus, latino-americano, tornam-se genéricas e universais para tomadas de decisões e posicionamentos corriqueiros como a escolha do alimento ou da vestimenta. Dentro desse processo, a identidade cultural regional, que pode ser de um estado, de uma cidade ou de um bairro torna-se mais próximas e reais.

A identidade cultural tem uma dinâmica própria, na qual as relações com o material, social e histórico conduzem suas transformações. Percebe-se que estas reorganizações

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFT). E-mail: caroldosanjos23@gmail.com



perpassam e ocorrem através dos meios de comunicação, uma vez que, estes meios se constituem como lugares de memória. Ressaltar-se ainda que, para este processo de (trans)formação identitária a memória é um fator imprescindível.

Nos produtos da comunicação de massa como, por exemplo, os jornais, a memória social é ancorada e armazenada e, pode inclusive ser consultada. Para o direcionamento deste artigo, com o respaldo na sociologia e antropologia, parte-se do pressuposto que a identidade e a cultura (neste caso, de uma dada região) são invenções, construídas dentro de um jogo de relações. Considera-se, ainda que os meios de comunicação estejam acrescidos nesse jogo como peça-chave. Propõe-se, assim, uma análise da relação dos meios de comunicação tocantinenses, especificamente o Jornal do Tocantins (na versão on line, digital), com a cultura regional do Estado do Tocantins.

Cultura, Identidade e Identidade Cultural: semelhantes, mas diferentes

Devido à complexidade e abrangência semântica, histórica e social, torna-se laborioso definir o significado dos termos cultura, identidade e identidade cultural, mesmo porque, não raramente são confundidos e/ou aparecem imbricados ou até mesmo como sinônimos. O etnólogo Denys Cuche (1999), discorre sobre o grande interesse que houve em estudar cultura, na segunda metade do século XX, momento este em que se atrelava a significação do termo identidade ao significado de cultura. Todavia, estes estudos ocorreram fora dos círculos das ciências sociais. Segundo este autor o 'modismo', se distanciou do desenvolvimento da pesquisa científica.

Durante essa "cientificização" do termo cultura, como sinônimo de identidade, foi propulsada a naturalização do senso comum, inclusive em âmbito acadêmico. Além da utilização de identidade os termos/expressões globalização, enfraquecimento do conceito de Estado-Nação e a exaltação da diferença oriunda do decênio de 1970, também ocorreram (ocorrem) como sinônimos (CUCHE, 1999).

Etmologicamente a palavra cultura está ligada ao verbo em latim *colere* (colo), que significa cultivar. Todavia, o termo também pode ser empregado para significar habitar, cuidar de, respeitar, venerar e honrar. No sentido de efeito, cultura pode ser entendida como o resultado desse cultivo, de um cuidado com, de respeito (FERREIRA, 1999).

O termo possui ampla abrangência semântica, mas os autores Cuche (1999) e Williams (1992), trabalham a construção histórica do termo sintetizando uma polissemia e uma polifonia (autores que falam de) apresentando, desta forma, as transformações e (re)significações do termo cultura no decorrer dos séculos XVIII a XX.



Para Denis Cuche (1999, p.18); “palavras têm uma história e, de certa maneira também, as palavras fazem a história”, pode-se dizer que a relação é intrinsecamente congruente. Deste modo, torna-se relevante demonstrar o entrelaço existente entre “a história da palavra ‘cultura’ e a história das ideias”.

A partir do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, a palavra cultura começou a ser empregada com o sentido de “configuração ou generalização do espírito”, como aquilo que informa o modo de vida global de um determinado povo. A cultura passou do conceito de cultivo da terra à “cultura do espírito humano”, transformando assim, a significação de “um plano concreto para um plano abstrato: o pensamento” (WILLIAMS, 1992, p. 10). E estas transformações culminaram em teorias antropológicas evolucionistas. Denis Cuche (1999, p. 19), elucida que apenas no século XVIII, o termo cultura começou a ser utilizado “no sentido moderno da palavra”, salvo na língua francesa.

As resignificações do termo cultura, no século XVIII, ocorreram especificamente na do campo da linguagem (devido seu dinamismo), e não propriamente no movimento das ideias, pois na metonímia cultura é tida como estado à cultura, como ação e metaforicamente é compreendida como cultura da terra à cultura do espírito (CUCHE, 1999). Este autora ainda ressalta que essa oposição entre cultura e natureza é fundamental para os pensadores do iluminismo, pois o termo é concebido como um caráter distintivo da espécie humana. Ou seja, a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada com uma totalidade, ao longo de sua história.

Em Williams (1992, p.11), há uma enumeração das concepções que se tem ao redor da significação e utilização do termo cultura.

[...] (i) um estado mental desenvolvido – como em ‘pessoa de cultura’, ‘pessoa culta’, passando por (ii) os processos desse desenvolvimento – como em ‘interesses culturais’, ‘atividades culturais’, até (iii) os meios desses processos - como em cultura considerada como ‘as artes’ e ‘o trabalho intelectual do homem’. Em nossa época, (iii) é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar ‘modo de vida global’ de determinado povo ou de algum outro grupo social.

No texto citado Williams (1992), sintetiza a polissemia do termo. Concluindo o termo já foi utilizado (ou ainda é), associado à ideia de nação, ao modo de vida de um grupo, de



uma sociedade, como a capacidade de projetar comportamentos, de fazer inferências (língua) e também como identidade. Essa última atribuição apresenta a conceituação do significado de cultura semelhante ao de identidade, todavia difere-se, uma vez que, a identidade, segundo o dicionário Aurélio, são “os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, estado, profissão sexo, etc. (FERREIRA, 1999, p. 371). E, neste caso, dentro desta significação o termo identidade relaciona-se apenas a ideia de sujeito individualizado.

Na modernidade o termo recebeu a conotação de subjetividade (SANTOS, 1995). E a subjetividade é, por sua vez, interpretada filosoficamente (centro da metafísica ocidental pós-cartesiana), como sujeito auto-sustentável, isto em teorias psicanalistas racionalistas, seguidas de quebras epistemológicas que têm estudando os processos inconscientes da formação de subjetividade e re-significando a constituição psicológica do indivíduo. Os teóricos pós-modernistas afirmam a existência de um ‘eu’ performativo (HALL, 2008).

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades [...] O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definido, por exemplo, quem é excluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas ‘relações sociais’ (WOODWARD, 2008, p. 14).

Para Woodward (2008) a diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios e por meio dos quais os significados são produzidos. Os sistemas simbólicos produzem as estruturas classificatórias que norteiam o sentido e a ordem social. O conceito de identidade (individual ou coletiva) aparece relacionado a uma soma, um conglomerado de referências, de signos em um jogo de diferenças, como discrepâncias percebidas e destacadas em relação ao outro.

A identidade cultural para Frederik Barth (1969, *apud* Cucho 1999, 182), refere-se a identidade como uma manifestação de uma construção social:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a



posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.

Conforme exposto a noção de cultura, de identidade e de identidade cultural são semelhantes, todavia existem discrepâncias conceituais. Sinteticamente a cultura pode existir sem a consciência da identidade, na medida em que as (trans)formações identitárias possam “manipular e até modificar uma cultura em algo que não tem nada em comum com o que tinha anteriormente” (CUCHE, 1999, p.176). A identidade, por sua vez, precede um processo consciente, pois depende de uma norma e relaciona oposições simbólicas.

Regionalizando

A regionalização da cultura está ligada a história de um povo, a ocupação do território, a relação com o meio ambiente e a sua fundação econômica, demográfica, social, política e ideológica.

A cultura regional precisa ser tratada de forma dialética, ou seja, observando seus pontos de avanço e retrocesso, de rompimento e continuidade, para não cair no equívoco de ser considerada uma manifestação de “autenticidade”, merecedora de conservação em museus e casas de cultura (DURHAN,1977, p.33 *apud* JACK, 2004, p. 8).

E este processo (regionalização da cultura), mantém, introduz, transforma elementos tradicionais, constituindo, desta maneira, a dinâmica própria da cultura que é modificada tal como a sociedade. A cultura regional de modo sintético é aquilo que traduz, representa as características endêmicas de uma determinada região. São manifestações que trazem ao indivíduo a sensação de pertencimento e de identidade (ou seja, que o distingue do outro). Para isso a memória coletiva e os locais de cultura são imprescindíveis.

Neste processo construção da identidade cultural os veículos de comunicação ocupam um importante papel. Pois a dinâmica cultural contemporânea relaciona o material, social e o histórico conduzindo as transformações, por conseguinte, percebe-se que as reorganizações, neste contexto, perpassam e se dão (também) através dos meios de comunicação.

Diante desta realidade, Enne (2004, p.12), afirma que; “a mídia é, por definição, lugar central desse processo”. Pois, “os jornais, ocupam um lugar privilegiado como



formadores e armazenadores da memória social. Nesse sentido, os jornais poderiam ser pensados como construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória*” (ENNE, 2004, p.14).

A narrativa jornalística é uma forma de discurso institucional, sendo o jornalismo uma instituição o seu discurso tende a refletir as relações que ocorrem em uma conjuntura social. A reconstrução da realidade e a (re)significação da identidade cultural perpassam pelo contexto do qual é produto. E, nesta representação social o discurso jornalístico consiste em narrar o ‘real’ dos fatos, no qual os fatos sustentam a si próprios, o jornalista, desta forma, é (em tese) apenas um redator.

As produções dos meios de comunicação e o indivíduo co-existem de forma relacional e se influenciam, na medida em que a vida pauta a mídia e a mídia pauta a vida. Os indivíduos projetam-se nos meios de comunicação e introjetam o discurso dos meios. E ao se relacionarem com os sistemas de produção da mídia - suas relações comerciais, econômicas nos meios urbanos - se apropriam das representações e elaboram outra produção que pode ser também denominada de consumo.

Jornalismo Local e Identidade Cultural Regional

O jornalismo local caracteriza-se pelo registro do cotidiano local, informação de proximidade, produção de conteúdo regionalizado, ou seja, tende a atender a demanda local possibilitando o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural (PERUZZO, 2005). Desta forma, constitui-se como um lugar de memória³ privilegiado. Sendo na imprensa regional e local que se divulgam as iniciativas culturais, a economia, a política enfim o pulsar da vida das sociedades que lêem esta produção midiática.

Para Bahia (2009, p. 11), é no jornalismo regional/local que “[...] ficam gravados os fatos que servirão como marcos da história social, política, econômica, artístico e cultural destas cidades, seus costumes e tradições, suas lideranças e personalidades de destaque”. A mídia local ao publicar informações que condizem com as necessidades e interesses da comunidade, propõem uma auto-identificação e propulsiona a valorização da cultura local, pois este é o assunto em pauta (TEIXEIRA, 1999).

³ Lugar de memória são lugares, locais, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional e acontece de forma escalonada, simultânea e em diversos graus. Um lugar só se constitui como lugar de memória se perpassar a imaginação e o simbólico (HALBAWACHS, 1990 e BOSI, 1999).



Em Ortiz (2006); Arbex (2001) e Rocha (2003), o imaginário, a memória coletiva e a identidade cultural, são apresentados como construções sociais que na sociedade contemporânea têm-se fortes ferramentas de disseminação - os meios de comunicação de massa. Em se tratando de mídias regionais, o jogo narcísico⁴, tem um número de informações favoráveis que atraem o espectador que se identifica com o produto.

O Tocantins e o Jornal do Tocantins

A região que hoje recebe a delimitação político-geográfica dos estados do Tocantins e Goiás foi iniciada com o povoamento e ocupação econômica com base na exploração aurífera, na primeira metade do século XVIII (PARENTE, 2007; SILVA, 1996; PÓVOA, 1999). Ao longo de dois séculos, os povos que habitavam o norte-goiano travaram lutas a fim de se separarem do estado de Goiás. Mas, foi em 1988, com a promulgação da Carta Magna em seu Artigo 13, que o Tocantins constitui-se como unidade federativa.

Após 40 dias da criação do Estado foram realizadas as primeiras eleições que escolheriam o governo e deputados desta nova unidade federativa. José Wilson Siqueira Campos e Darcy Coelho, juiz federal aposentado, foram escolhidos pela população como os novos governador e vice-governador do Estado. Além desses líderes, três senadores, oito deputados federais e 24 deputados estaduais formavam o grupo político eleito.

A cidade de Miracema foi renomeada para Miracema do Tocantins e designada como capital provisória do Tocantins até que uma nova fosse construída. Um ano após a promulgação da constituição, a assembleia estadual constituinte, reuniu-se em Miracema do Tocantins a fim de criar a constituição estadual. E em julho de 1989, a assembleia legislativa do estado do Tocantins aprovou um projeto de lei que criava a cidade de Palmas - capital definitiva do Estado, logradouro da sede do governo estadual. A cidade foi construída em um local considerado estratégico, por ser o centro geodésico do Brasil e também de equidistância do Tocantins. O nome da capital foi escolhido em homenagem ao lugar onde nasceu o movimento emancipacionista do Estado - Comarca de Palma. A capital foi instalada em 1º de janeiro de 1990 (PARENTE, 2007; SILVA, 1996; PÓVOA, 1999).

⁴ Termo utilizado por José Arbex Junior, em Telenovela ou domesticação do imaginário, para descrever a auto-identificação do telespectador com o personagem representado.



A relação mídia e processo histórico vêm sendo discutida por vários teóricos, dentre eles Ribeiro e Herschaman (2008) e Romancini (2008). Esta relação acontece seja dentro da perspectiva da história da comunicação - a influência dos produtos midiático na história, ou estes produtos como objetos de estudo historiográfico.

Para construção histórica do Estado do Tocantins esta relação foi iniciada em 1830, com a publicação de um artigo no jornal impresso *Matutina Meiapontense*, primeiro veículo midiático impresso do centro do Brasil, editado em Pirenópolis (GO), segundo Silva (1996). Diversos jornais publicaram o processo de emancipação política do nordestino veiculando matérias que tendiam a favor, contra ou apenas dando visibilidade ao fenômeno separatista.

O Jornal do Tocantins (JTO), por sua vez, foi fundado em 18 de maio de 1979, na cidade de Araguaína em formato tablóide como uma produção da Organização Jaime Câmara⁵. As primeiras edições eram quinzenais, atualmente é o maior jornal impresso do Estado em número de páginas, tiragem e edições. Segundo Sebastião Pinheiro, Editor-chefe do JTO, a linha adotada na elaboração e redação das matérias veiculadas possui como diretriz central a ética, a responsabilidade e o compromisso social (FRANCO & MENDONÇA, 2008).

No final do decênio de 1980, quando foi criado o estado do Tocantins, o JTO era distribuído gratuitamente em órgãos públicos, todavia, ocorreram mudanças em sua política de editorial. E, assim, o jornal passou a ser comercializado em bancas de revistas e através de assinaturas e sua periodicidade passou a ser semanal (TEIXEIRA, 2003).

Em outubro de 1991, os leitores do JTO passaram a ter acesso ao jornal duas vezes por semana (as terças e sextas-feiras). Em março de 1998, a equipe que produzia o jornal foi transferida para Palmas possibilitando edições quase diárias – de terça a domingo. Nesta época, o JTO era editado em Palmas e impresso em Goiânia – o que causava diversos transtornos à equipe responsável por sua edição e distribuição. Em 5 de fevereiro de 2002, exatamente na edição nº 2.730, ele passou a ser impresso em Palmas, embora somente em 19 de julho de 2005, a partir da edição nº 3.421, o Parque Gráfico da Organização Jaime Câmara em Palmas tenha assumido essa responsabilidade (TEIXEIRA, 2003).

⁵ Organização Jaime Câmara é composta por emissoras de televisão afiliadas a Rede Globo, rádio (CBN) e os jornais impressos e digitais. Retirado de <http://www.ojc.com.br>



O JTO conta com seis editorias (Política, Geral, Esporte, Economia, Estado e Arte & Vida), possui quatro colunas: Tendências e Ideias, Antena Ligada, Crônicas & Causos e Bip. E na seção Serviços conta com Horóscopo, Lazer & Cia., Tempo, Televisão, Linha Direta e Classificados. Aos finais de semana o JTO importa do jornal O Popular (exemplar da Organização Jaime Câmara publicado no estado de Goiás) os suplementos *Campo*, *Almanaque* e *TV Revista* (ANJOS, 2010).

Relato sobre o percurso metodológico

Uma vez definido o objeto foi realizada a coleta de dados e aplicada uma metodologia de estudo que respeitasse a heterogeneidade do *corpus* - optou-se, então pela metodologia de pesquisa Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977, p. 42).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Como a hipótese deste trabalho foi verificar como do Jornal do Tocantins e seus leitores abordam e/ou fazem referência à cultura tocantinense considerou-se viável o método de análise temática para esta unidade de registro. Com relação à unidade de registro Bardin (1977, p.104), explica que “é a unidade de significação e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”.

Sendo assim, uma vez coletada a amostra (exemplares publicados nas datas 20 de maio e 05 de outubro dos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011) foi realizada uma análise a fim de determinar quais os elementos presentes no texto deveriam ser levados em conta, ou seja, se estabeleceu quais seriam as unidades de registro da amostragem⁶. Como a proposta foi perceber como se dá a relação cultura e jornalismo regional no Tocantins instituiu-se que apenas menções diretas a cultura tocantinense constituiriam a amostragem e, esta por sua vez, apresentou vários discursos - linha editorial, classe artística, representantes da sociedade civil e leitores comuns. Além das unidades de registro também foram utilizadas técnicas de análise de discurso, entretanto a proposta não foi fazer uma Análise de Discurso clássica. Não é o intuito trabalhar de forma

⁶ Seleção da amostra para ser examinada como representante de um todo.



minuciosa as marcas enunciativas. O instrumento teórico-conceitual para a leitura do *corpus* empírico tem, por sua vez, respaldo na semiologia de discursos sociais de FOUCAULT, 2001; ORLANDI, 1999; PINTO, 2002.

A aplicação das técnicas e ferramentas da análise de conteúdo deu da seguinte forma; primeiro houve a leitura de todo material separado (amostra), segundo delimitou-se o *corpus* (amostragem) e em seguida foram eleitas unidades de registro e foram realizadas as inferências conforme a metodologia proposta por Bardin (1997). Posteriormente foi utilizada a análise de discurso em fragmentos elucidativos dos textos da amostragem, levando em consideração as unidades de registro.

Em Orlandi (1999) e Pinto (2002), a análise de discurso não busca a interpretação puramente semântica dos conteúdos, mas como diz, porque diz e como se mostra, ‘os modos de dizer’ e ‘o não dito’. Pois, em *Análise do Discurso* o analista procede à análise lendo o não dizer, o interdiscurso e a formação discursiva, seu trabalho consiste na análise dos contextos sociais implícitos nos discursos (PINTO, 2002).

A análise foi dividida em duas partes, sendo a primeira a amostragem da seção *Tendências e Ideias* do caderno de opinião e a segunda a amostragem do caderno *Arte & Vida*. Os destaques inseridos nos trechos de matérias apresentados a seguir são de minha autoria e tem pretensão chamar a atenção para a escolha das palavras por parte dos jornalistas ou dos leitores/escritores, facilitando, desta forma, a análise. Foram mantidos os eventuais destaques por aspas ou *italic* inseridos pelos próprios autores das matérias, conforme a publicação original e de igual maneira a ortografia original foi mantida, ainda que em desacordo com as normas gramaticais do momento ou as atuais.

Tocantinidade na Seção Tendências e Ideias

No texto *Palmas 21 anos: eu a vi nascer*, Maria da Natividade Glória Ribeiro⁷, publicado no dia 20 de maio de 2010, na comemoração do vigésimo primeiro aniversário da capital tocantinense rememora minúcias (que apenas quem viveu ou leu a respeito), poderia descrever sobre o dia da criação de Palmas.

Com centenas de pessoas usando camisetas estampadas com essa frase **‘Eu vi Palmas nascer’, no dia 20 de maio de 1989, na Praça dos Girassóis**, com a presença [...] diversas autoridades e o povo, foi dado o pontapé inicial da criação de Palmas, a mais jovem capital do Brasil,

⁷ Apresentada pelo Jornal do Tocantins apenas como “moradora de Palmas na quadra 106 Norte”.



no cerrado, às margens do Rio Tocantins, consolidando um sonho secular (RIBEIRO, 2010, texto eletrônico).

Perante o texto acima, vale ressaltar, que na última frase do texto a autora referenda o bioma (no cerrado), a localização geográfica (às margens do Rio Tocantins) e o fator propulsor da construção ‘política’ de Palmas: ‘consolidando um sonho secular’. O não dito desta frase afirma que; sujeitos sonharam com a criação do estado do Tocantins; então se conclui que há uma memória coletiva. Em outro fragmento do texto a autora destaca que

Para os que acreditaram, temos registrado na página da história, marcos e evolução de uma capital “moça” que se conscientiza do seu vigor, de sua beleza e se mobiliza em torno de garantias reais de vida para todos (RIBEIRO, 2010, texto eletrônico).

A consciência do processo para construção da identidade é imprescindível diferente do processo de construção cultural (CUCHE, 1999). Mas, Maria da Natividade Glória Ribeiro demonstra tal consciência e convida a reflexão, pelo simples fato de expor, manifestar e representar.

Segundo Orlandi (1999, 60), “os sentidos e os sujeitos constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente - estão largamente presentes”. E isso é notado quando a autora convida ‘os palmenses’ para participação da construção da identidade cultural palmense.

Caderno Arte & Vida e a Cultura Tocantinense

O caderno Arte & Vida, apresenta-se como o caderno de cultura do Jornal do Tocantins. A escolha do mesmo como objeto desta pesquisa se deu, por que, ainda que as tomadas de posição do produto midiático (Jornal do Tocantins), sobre o que é a cultura do Tocantins, o que é o tocaninense ou ainda o que é tocaninidade, seja um discurso que perpassa as narrativas jornalísticas dos cadernos; Estado, Economia, Política e Esporte, acreditou-se que neste caderno seja ancorados com mais ênfase.

Os cadernos de cultura tendem a tomar posições, dar as ‘cartadas simbólicas’ quanto ao que é cultural quando publicam afirmações como; ‘o quê se come’, ‘o quê se veste’, ‘o quê se bebe’, ‘o quê se escuta’ e ‘o quê se faz’. Desta maneira, o jornalismo participa da (trans)formação da identidade cultural. Sendo assim, dentre os textos da amostragem foi



selecionada a matéria *Uma história de amor e resistência*, da jornalista Wallissia Albuquerque, veiculada no dia 05 de outubro de 2011, por apresentar cartadas simbólicas tanto do veículo quanto da classe artística sobre o que é a cultura tocantinense. A matéria tem formato de uma entrevista coletiva com os artistas Dorivã, Mara Rita, Quésia Carvalho, Éverton dos Andes, Braguinha Barroso e Genésio do Tocantins e propõe um resgate da história da música tocantinense narrada pelos protagonistas, legitimados pelo Jornal do Tocantins.

Histórias para contar, momentos eternizados na memória, dificuldades, lembranças boas e ruins, mas a certeza que valeu a pena, assim definem alguns músicos tocantinenses sobre a história da música do Tocantins, desde a época da criação do Estado, que completa hoje 23 anos (ALBUQUERQUE, 2011, texto eletrônico).

A matéria também apresenta um ‘emocionado’ discurso da cantora Mara Rita, que ao rememorar a inauguração do teatro Fernanda Montenegro, apresenta pormenores que apenas um ‘guardião de memória’ seria capaz de fazê-lo.

Recordação Emocionada, Mara Rita mostra papéis antigos, que marcam a história da música no Tocantins, como o panfleto de inauguração do Theatro Fernanda Montenegro, que este ano completou 15 anos de existência. **‘Lembro que cantamos somente músicas autorais tocantinenses na inauguração do teatro em 1996, o momento foi um marco da classe artística tocantinense’**, comenta. (ALBUQUERQUE, 2011, texto eletrônico).

O fragmento acima exposto apresenta a informação de que no dia da inauguração do teatro Fernanda Montenegro, apenas canções autorais tocantinenses participaram do repertório do evento. Isso demonstra a atuação da ‘classe dominante’ no processo de construção da identidade cultural tocantinense, ‘eles cantaram’, ‘eles’ representam a cultura tocantinense. E mais adiante, ainda na mesma matéria a cantora Mara Rita fala;

‘Devemos unir os pontos da estrela’, comenta Mara Rita sobre a importância da união da classe. **Para os artistas, a identidade do Tocantins já está formada e o que falta é construir uma identidade cultural para Palmas** (ALBUQUERQUE, 2011, texto eletrônico).

Cuche (1999), elucida que o processo de construção da identidade cultural, como um processo consciente. Sendo assim, e diante do exposto, Mara Rita, classifica o que é



identidade do Tocantins e na fala “o que falta é construir uma identidade cultural para Palmas”, existe um convite no ‘não dito’ que diz: “Classe de artistas existe uma identidade cultural a ser formada, como formamos uma identidade cultural para o estado devemos, de igual maneira, criar uma para sua capital”.

O texto é finalizado com o ‘antigo’ Hino do Tocantins de autoria de Liberato Póvoa (letra) e Abiezer Alves da Rocha (música).

As tradições são inventadas (HOBSBAWM e RANGER, 1984). A invenção de símbolos e representações compõe a materialização da formação de uma identidade cultural. Segundo Rodrigues (2008, p. 38), “era necessário apresentar aos tocantinenses elementos identitários que o diferenciasssem do goiano, como um dos caminhos para se alcançar o apoio popular a esta questão”. As tradições são resultado de construções simbólicas de indivíduos sociais que buscaram se diferenciar, distinguir. E o que ocorreu no Tocantins foi a projeção do tocantinense como o ‘não goiano’, cerrano, que vive no centro do país, que tem uma cultura própria como música e um calendário cultural próprio.

Considerações

A tocaninidade que se constrói está sob premissas de uma conjunção de elementos que são ritualizados e (re) atualizados por sujeitos sociais. Estes sujeitos recriam, repetem e ‘representam’ esta história e realimentam o imaginário, por meio de símbolos. Neste processo o Jornal do Tocantins tem participado da (trans)formação da identidade cultural tocaninense, através de publicações sobre o tema, não como única, mas como uma importante instituição. Em momentos onde são publicados ‘ discursos’ sobre a identidade cultural que é apresentada como ‘isso é, aquilo também’, ou ‘isso não é’, ‘nem aquilo’ (este discurso se apresenta na voz do sujeito jornalista ou do entrevistado).

Referencias

ANJOS, A. C. C. Jornalismo Cultural no Tocantins: uma análise preliminar do conteúdo jornalístico. In: I Encontro de História da Mídia da Região Norte Universidade Federal do Tocantins, 1., Palmas. **Anais**. Palmas: UFT, 2010.

ARBEX JUNIOR, J. Telenovela ou domesticação do imaginário. *In: Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAHIA, J. P. D. Ser baiano na medida do recôncavo: O jornalismo regional como elemento formador de identidade. Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura & Sociedade da Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em:



<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=163399>. Acesso em 10 jun 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CUCHE, D. A noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

ENNE, A. L. S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos. Rio Grande do Sul, v.2, 2004. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_frenteiras/vol6n2/12_art_07_101a116.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2011.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dez de 1970. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

FRANCO, C.; MENDONÇA, A. A eficiência comunicacional na relação texto-legenda/fotografia. Revista PJ: Br – Jornalismo Brasileiro. 7 ed., 2 semestre, 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_c.htm>. Acesso em: 20 out. 2009.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In A Perspectiva dos Estudos Culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da, (org.). 8. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JACKS, N. Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/jacks-nilda-midia-nativa.html>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

ORLANDI, E. Dispositivo de Análise. In Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORTIZ, R. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PARENTE, T. G. Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins Colonial. Goiânia: UFG, 2007.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem. 2005.

PINTO, M.J. Comunicação e Discurso : introdução a análise de discurso. 2 ed. SP: Hacker Editores, 2002

PÓVOA, L. História Didática do Tocantins. Goiânia: Kelps, 1999.

RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, M; PEREIRA, C. A. M. Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de altas visibilidades. 5 ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

ROCHA, S. M. Identidade Regional, Produção e Recepção: a “mineiridade” na televisão. Revista Semiosfera. Rio de Janeiro. n.4-5, 2003. Disponível em: <<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera45>>. Acesso em: 20 abr. 2011.



ROMANCINI, R. História e Jornalismo: reflexos sobre campos de pesquisa. *In*: LAGO, C. e BENETTI, M (org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, W. Dicionário de Sociologia. Belo Horizonte: Del Rey, 1995.

SILVA, O. B. da. Breve História do Tocantins e de sua gente: uma luta secular. Brasília: Solo, 1996.

TEIXEIRA. I. O Jornal do Tocantins de 1988 a 1991: o texto, o contexto e a imagem fotojornalística na formação do Estado do Tocantins. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação e Mercado da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 2003. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=129694> Acesso em: 20 nov 2011.

TEIXEIRA, N. Impacto da internet sobre a natureza do Jornalismo Cultural. Disponível em: <http://www.fca.pucminas.br/hipertexto/n_teixeira.doc>. Acesso em: 18 dez. 2009.

WILLIAM, R. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In* : Identidade e Diferença - A Perspectiva dos Estudos Culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da(org.). 8. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SITE

ALBUQUERQUE, W. Uma história de amor e resistência: Classe musical no Tocantins surgiu cercada de batalhas e superações. Arte & Vida. *In*: Jornal do Tocantins. Disponível em: <http://www1.jornaldotocantins.com.br/#05out2011/arte-vida-94286/musica_-_uma_historia_de_amor_e_resistencia>. Acesso em 13 jan 2012.

RIBEIRO, M. da N. G. Palmas 21 anos: eu a vi nascer! Tendências e Ideias. *In*: Jornal do Tocantins. Disponível em: <<http://www.jornaldotocantins.com.br/anteriores/20mai2010/colunas/tendencias2.htm>>. Acesso em 03 dez 2011.